

Ricardo Ramos se propõe, com *Graciliano: retrato fragmentado*, oferecer flagrantes do pai, sob a convicção de que, estando este consagrado pela fortuna crítica, não dispõe ainda de registros que tracem um perfil humano equivalente ao de escritor.

E se queixa daqueles que, perseguindo esboçar Graciliano, acabaram caindo na armadilha das simplificações que aderem aos seus aspectos mais polêmicos. Assim, procura, de certa forma, corrigir o enfoque com que são tratados tanto o escritor como o político.

Reivindica que não se veja no homem uma negação da obra. E acrescenta, textualmente, que "está acontecendo um progressivo desconhecimento do homem e, paralelamente, uma crescente compreensão da obra".

O leitor verá, mais uma vez, como é difícil fazer a biografia de Graciliano Ramos sem remissão à sua obra. E se beneficiará, com o retrato fragmentado, de um clarão reflexo, de magna importância para o conhecimento do filho, o escritor Ricardo Ramos. É que, ao retrabalhar os caminhos do pai, Ricardo foi revelando os próprios contornos, num sofrido e estrangulado auto-retrato.

Retraído, extremamente reservado quanto ao seu mundo interior, Ricardo foi sempre mais reconhecido pela opinião que manifestava sobre o mundo e as pessoas. Generoso quase sempre, contudo não se libertava facilmente dos agravos recebidos. Tratava-os risonhamente, sem se desgarrar de modo completo de suas camadas mais incômodas.

*Graciliano: retrato fragmentado* constitui um roteiro da procura do pai, que integra o projeto da busca de si. Espelho de duas faces.

Ricardo principia a obra com a última lembrança de Graciliano, o enterro. E, após, colhe nos albores da infância os primeiros contatos com o vulto distante.

Salta, então, para os quinze anos, quando efetivamente passa a conviver com Graciliano e a receber sua influência, cujas lições podem ser resumidas em rigor com a escrita, franqueza ou temperança com as pessoas.

Curiosamente, Ricardo capta de Graciliano um pedaço do avô, fora do esquadro das convenções familiares ou literárias. Diferente, por exemplo, daquele que ficou gravado em *Infância*. Nas palavras do

pai informante: "Meu pai não era velho, era antigo. Queria ser respeitável, poderoso, e nisso ele se afastava. Sempre dividido."

Este sinal derradeiro, "sempre dividido", certamente estará no interior de Graciliano e se prolongará mais dramaticamente em Ricardo. Mas este chega a se surpreender com o pai: "E vai a gente querer, assim no simples, entender as tônicas de uma pessoa. Se viver é geral, o passo de cada um é muito particular".

Dentro da tradição patriarcal brasileira, primeiro se contempla a linhagem paterna. Depois a materna. E os traços mais assinaláveis de ambos os lados se confundem com a valentia, a decisão, o domínio de si. Aliás, ao longo de *Graciliano: retrato fragmentado*, nota-se o preconceito do romancista com os homossexuais e os pretos (estes sob a forma de má consciência). E o perfil patriarcal se desenha na liberdade concedida aos filhos em simetria com as restrições impostas às filhas.

O memorialista não deixa de consignar a grandeza dos esteios em que se apoiou: pai e mãe saem engrandecidos das memórias, articuladas com arte e intensidade.

Episódios domésticos e públicos se sucedem e o leitor acompanha as reminiscências de Ricardo a compor um núcleo de informações precisas sobre a vida do pai e suas relações com os outros.

Em determinado trecho, aparece Lampeão. Ricardo aproveita a circunstância para desmistificar o cangaceiro, apontando-lhe a crueldade e a vocação para o banditismo.

Em mais de uma ocasião, fala do ambiente cultural de Maceió, apresentando impressionante relação de escritores e intelectuais que compunham a roda de Graciliano. Ali moravam, em 1934, José Lins do Rêgo e Rachel de Queiroz. E os da terra, ao redor daquela data, eram: Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda, Théó Brandão, o contista Carlos Paurílio, o poeta Aloysio Branco, Raul Lima, José Auto, Diegues Júnior, Humberto Bastos, Alberto Passos Guimarães, Barreto Falcão, Paulo Silveira, Afrânio Melo, Rui Palmeira, José Reis, Jorge de Lima, Artur Ramos e Pontes de Miranda. Muitos nomes de representação nacional, como se vê.

No convívio com o pai, Ricardo chegou à literatura russa, embora tivesse descoberto títulos que aquele desconhecia: *Mumu*, de Turgueniev e *Angústia*, de Tchekhov.

Ricardo chega a completar o memorialismo do pai, ao assinalar a presença de Carlos Abrantes, porteiro do jornal em que trabalhava. Fora o soldado que ajudava os presos na Ilha Grande e ofereceu um cavalo em amparo a Graciliano. Seu nome não aparece nas *Memórias do Cárcere*.

Página comovente é dedicada à estréia literária de Ricardo, amparado pelo velho Grace, que fez as ligações do novo escritor com algumas pessoas-chaves dos jornais. Mais do que tudo, importante é a análise do estreante sobre as reações do pai aos seus textos.

No relato das questões polêmicas, Ricardo procura lavar a própria alma, libertar-se das sombras que o perseguiram. Incorpora os agravos do pai, sublinhando-os. Militantes do Partido Comunista, como Astrojildo Pereira e Dalcídio Jurandir, são mencionados sob ângulo negativo, mesquinhos no cumprimento de tarefas políticas. Ricardo se revela mordido, infeliz. Chega até a envolver-se em disputas políticas e literárias antigas, já sem vigência. Volta aos equívocos de Wilson Martins e da irmã Clara Ramos quanto aos originais das *Memórias do Cárcere*.

Depõe sobre os amigos, especialmente sobre o cunhado Raymundo e Paulo Mercadante. A doença do pai é revivida com pormenores. Para resumir seu propósito, registra em determinado momento: "Sem querer, aprendi a ver nas faces de meu pai, mais representativas deste ou daquele período, uma fotografia que o definisse. Noutras palavras, deixei-me guiar pela iconografia do escritor. Hoje, só consigo lembrar meu pai, como homem, quando durmo. Para mim ele se tornou matéria de sonho."

O retrato, vê-se, é fragmentado. É o que consta deste trecho: "Graciliano brincalhão, desatento, intempestivo. Quem sabe nem tanto, apenas refratado. Habituei-me a transitar por tais recordações. E desisti faz muito, de intentar um perfil. Ou não existe o retrato fragmentado, a colagem viva? Surgindo nas ressurreições da memória."

E tece o quadro dos arredores da prisão de Graciliano, cheio de sofrimento, com a debandada dos filhos e a desestruturação da família.

Ricardo informa a respeito da intimidade do pai, seu gosto de estabelecer roda de amigos, sua ética: "Não admitia brincadeira com o Partido Comunista, com escritor amigo ou não, as restrições desabridas se limitavam a Getúlio e sua corte, a José de Alencar, Coelho Neto, Humberto de Campos, Plínio Salgado, uns poucos mais."

Da roda íntima participavam Helena e Otto Maria Carpeaux, Maria e Cândido Portinari, Nora e Paulo Rónai, Beatrix Reinal e Oswaldo Goeldi, Axel Leskoschek, Marina e Aurélio Buarque.

*Graciliano: retrato fragmentado* constitui perfeita montagem, em que o leitor pode completar a lembrança que tem do homem Graciliano, acrescida de informações diretas, referentes à sua formação espiritual.

Há preciosos esclarecimentos acerca da vida intelectual do ro-

mancista. Sabe-se, por exemplo, que, leitor de Eça de Queirós, julgava *A ilustre casa de Ramires* sua melhor obra, de que guardava trechos de cor, assim como de *Os Maias*. Além disso, recitava de cabeça poemas de Manuel Bandeira.

Leitor constante da ficção russa, julgava *Guerra e Paz*, de Tolstoi, "o maior romance da literatura mundial." Nenhuma novela haveria que se equiparasse a *A morte de Ivan Ilitch*.

E as preferências se manifestam por *O capote*, de Gogol e a *O inimigo*, de Tchekhov. A *Os sete enforcados*, de Andreieff, e "Certa vez, no outono", de Gorki. Dostoievski, então, era uma enormidade.

Da *Bíblia*, Graciliano conhecia tudo. Era o manancial de que sabia decorados fragmentos, provérbios e parábolas. Na marginalia do volume que possuía anotava, glosava, opinava, divagava.

Graciliano não se afeiçoava à literatura comprometida, especialmente a americana. Não constituíam santos de sua devoção Michael Gold e Howard Fast, proselitistas e panfletários. Nada de entusiasmo com John Reed ou Jack London. Isto não impediu que desse nome de Theodore Dreiser à célula comunista de escritores que, após uma reunião sem propósito, se diluiu, pois Graciliano achava Zhdanova um cavalo e destratou o informe de Prestes lido por Laura Austregésilo.

Dados curiosos são fornecidos não só sobre o homem, mas também sobre o escritor. Pai e filho, por exemplo, concordam em que o ensaio de Antonio Cândido, "Ficção e confissão", vem a ser uma das mais felizes interpretações do romancista.

Ricardo trabalha a contradição entre o rigor literário de Graciliano e as exigências do Partido Comunista quanto à linguagem acessível às massas: "Se aceitavam o rigor da forma, por que não entendê-lo a serviço de uma intenção renovadora?"

Grave momento da vida e da obra de Graciliano, sob a lente microscópica do Partido. Ricardo interiorizou este combate e se sentiu ofendido pelas restrições impostas a seu pai. O livro é um revolver de feridas ainda não cicatrizadas.

Ricardo propicia dados valiosos para a crítica genética de algumas obras. Especialmente quanto a *Vidas Secas*.

Preliminarmente, acentua o lado regionalista e alagoano da obra do pai, a ponto de este dizer que via mais beleza na caatinga do que na paisagem do Rio de Janeiro. E mais: fracassou ao tentar escrever sobre o meio carioca num projeto de ficção.



Graciliano Ramos e seu filho Ricardo, no Rio de Janeiro, em 1948.

"O soldado amarelo representa a força que sustenta o fazendeiro." Mas há um recado na história de Sinha Vitória e Fabiano, ela mulata e ele louro, obra escrita em pleno fastígio do nazi-fascismo, a empurrar o mito da superioridade racial ariana. Ela, cafusa e inteligente, rege o destino de Fabiano. É preciso registrar que Ricardo Ramos retrança informação já prestada em "Lembrança de Graciliano", publicada no volume *Graciliano Ramos* organizada por José Carlos Garbuglio e outros (S. Paulo, Ática, 1987, p. 12).

E Sinha Vitória possivelmente terá traído Fabiano, pois ninguém conhece como foi saber da cama de couro de seu Tomás da bolandeira.

Ao mesmo tempo, a discussão do menino mais velho com o menino mais novo acerca da figura do pai pretende um paralelismo entre o debate entre católicos e protestantes no modo de encarar a divindade.

Além de contar Graciliano, o livro explica Ricardo. Sua formação. Lê-se *Graciliano: retrato fragmentado* como um romance de educação. Dos livros escapados ao incêndio promovido pela família, após a prisão do escritor, Ricardo leu Voltaire, Laclos, Stendhal, Flaubert,

Anatole e Zola. Depois, embrenhou-se em Balzac, Marivaux, Mérimé, Maupassant, Daudet, Barbusse e Maurois. Fontes francesas, como se vê.

As memórias, assim, se apresentam também como seu romance de formação. Conta como o seu espírito se moldou e como o escritor nasceu debaixo do enorme tronco. O novo escritor mal se ajeitava sob uma sombra tão vasta.

Assinale-se a importância da publicação de *Graciliano: retrato fragmentado* no centenário do romancista. Reminiscências do filho organizadas com apuro, pontilhadas de novidades. Obra de culminância de uma carreira literária lamentavelmente interrompida. A roda da vida fez com que o filho viesse a falecer no mesmo dia da morte do pai. E ambos escreveram memórias que somente vieram a lume postumamente.

Parece que, em razão do princípio da correlação dos discursos ou da indissociação da vida do ficcionista ao conteúdo da obra, Ricardo Ramos, ao procurar enaltecer o homem, acabou por iluminar setores inéditos da obra de Graciliano. Por exemplo, ao recolher do pai mensagens secretas que este desejou projetar em *Vidas Secas*.

Conclui-se que, do universo biográfico de Graciliano, podem-se deduzir lições acerca da sua obra, assim como do seu retrato podem-se extrair fragmentos da feição de Ricardo. As memórias deste foram o último recado que deixou para os leitores, parentes e amigos.

*Fábio Lucas.*